

INTRODUÇÃO

Terminada a entrevista, quando já estávamos em pé nos despedindo, ele me perguntou se havia alguém de minha família que costumava ouvir seu programa de rádio.

– Minha tia – respondi. – Desde o começo, desde os anos 1990, desde a época da Rádio América....

Então ele tirou um terço do bolso, entregou-me e pediu uma página de meu bloquinho.

– Escreva o nome dela que eu vou falar no programa de amanhã – disse. – E o terço é para ela.

Edite Costa de Oliveira. Letra de forma. Tentei caprichar na caligrafia para que o padre não desistisse de entender meus costumeiros garranchos.

Foi inevitável pensar em minha tia durante toda a conversa com padre Marcelo Rossi, naquela tarde de outubro de 2012, em uma ampla sala da Cúria Diocesana de Santo Amaro. Eu estava diante do sacerdote que havia conhecido 15 anos antes, por meio do radinho dela. E que, com suas animadas coreografias e seu apelo *pop*, transmitia uma imagem jovem e carismática ao adolescente católico que eu era.

Fato é que desde 1997 nunca deixei de prestar atenção nos passos daquele que se tornaria o religioso mais famoso do Brasil. Primeiro, pela novidade que ele representava. Depois, por curiosidade. Em seguida, mais maduro e com certo distanciamento crítico, com um profundo interesse jornalístico.

A partir de 2010, quando o projeto deste livro nasceu, passei a ler e reler tudo o que já fora publicado

sobre o padre Marcelo. Dos grandes jornais, não deixei de conferir uma notinha sequer – e, aqui vale destacar, entre 1998 e 2001 eram raros os dias em que o religioso não rendesse pauta em publicações como *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*, apenas para citar os dois mais importantes periódicos da capital paulista. Assisti a dezenas de entrevistas dadas por ele a emissoras de televisão. Vi e revi momentos importantes de sua trajetória na mídia. Consultei seus livros. Mergulhei no universo de padre Marcelo Rossi.

Agendada por meio de sua assessora de imprensa, a jornalista Ana Paula Aschenbach, a entrevista serviu, portanto, para dirimir algumas dúvidas e tentar conhecer um pouco do padre que ainda não havia aparecido ao público pela imprensa. A maior parte dessas questões, confesso, dizia respeito à sua vida pré-batina: colégios onde estudou, descoberta vocacional, relação com o pai. Mas também – faltava menos de um mês para a inauguração de seu definitivo templo – conversamos sobre os problemas enfrentados na construção da igreja e como o *best-seller* *Ágape* salvou financeiramente o empreendimento.

Padre Marcelo estava mais gordo do que o seu normal e, quando questionei sobre sua saúde, atribuiu o aspecto aos efeitos colaterais de medicamentos que havia tomado após a fratura sofrida no pé dois anos atrás. Cerca de uma hora antes do horário combinado, sua assessora me ligou perguntando se era somente entrevista, sem nenhuma fotografia. Diante de minha confirmação, portanto, ele me recebeu sem batina nem clesma. Usava camisa, calça e sapatos pretos.

Sentamo-nos em uma das pontas da enorme mesa da sala de reuniões. Eu em um canto, ele à minha esquerda. Ao lado, apenas sua assessora de imprensa, que nos apresentou e ficou o tempo todo usando seu laptop, não fazendo nenhuma intervenção ao longo da hora seguinte, a não ser justamente para avisar que o tempo estava se esgotando e que o padre teria de interromper a conversa no horário combinado porque a agenda do dia estava cheia.

Ao longo da entrevista, olhos nos olhos e timbre de voz mais do que reconhecido, padre Marcelo era o retrato da empatia: cativava com seu jeito aconchegante de se comunicar. Entretanto, calejado por anos e anos de exposição midiática, dificilmente demonstrava oscilações emocionais, mesmo com a diversidade de temas abordados. Por vezes, dava a impressão de que já tinha um roteiro pronto para as perguntas que viriam.

O que posso dizer, de qualquer forma, é que ele me pareceu um homem honesto e autêntico em seus propósitos. Em outras palavras: padre Marcelo não é um personagem, obviamente; ele é um religioso e transmite, em cada gesto, em cada olhar e com cada resposta, a crença convicta e constante na fé que professa.

De 1997 até hoje, foram muitas as pedras em seu sapato (número 46). Mas ele também colecionou alegrias, amigos e sucessos. E conseguiu superar, um a um, os problemas – com uma destreza que nos faz supor que também vai tirar de letra os que se apresentarem a ele no futuro. Do radinho da casa da minha tia, padre Marcelo peregrinou por programas televisivos, celebrou megamissas para multidões e acabou con-

decorado pelo Vaticano. Mas, garante: é o mesmo ser humano, o mesmo sacerdote.

Minha tia segue sendo sua ouvinte.

Este livro é dedicado a ela, Edite Costa de Oliveira.
Minha tia Di.

Capítulo 1

NOITES traíçoeiras

*E ainda se vier noites traiçoeiras
Se a cruz pesada for, Cristo estará contigo
O mundo pode até fazer você chorar
Mas Deus te quer sorrindo*

De terno preto e óculos, um agente da Polícia Federal barrou o padre Marcelo Rossi.

– Com essa credencial – disse ele, apontando para o documento que o sacerdote portava –, o senhor não pode entrar aqui. Sua credencial não vale nada neste setor.

– Deve estar havendo algum engano. Eu vou cantar.

– Desculpe-me, mas nada posso fazer. O senhor precisa procurar pela assessoria da organização do evento. Caso contrário, não vai entrar.

Durante mais de dez minutos, o padre mais famoso do Brasil teve à sua frente o policial, barrando-o. Tempo suficiente para que ele remoesse um sonho cristão, um sonho católico, um sonho pessoal que cultivava havia bastante tempo: cantar para o papa, o supremo sacerdote da Igreja, em sua terra, o Brasil.

Madrugada de 11 de maio de 2007. Àquela hora, por volta das cinco, fazia um frio de dez graus no Campo de Marte, aeroporto localizado na zona Norte de São Paulo. Padre Marcelo chegava para comandar a abertura do evento que culminaria na canonização de frei Antônio de Sant’Ana Galvão, o primeiro santo nascido no Brasil, em missa celebrada pelo papa Bento XVI.

Com a intervenção de uma autoridade católica e de um delegado da Polícia Federal, que o acompanharam até o palco, o padre acabou liberado para fazer seu show, previsto para iniciar às seis horas.

– Ainda bem que você não criou um problema entre a Polícia Federal e a Igreja – disse ao agente que tentou impedi-lo de entrar. – Seria desagradável.

Naquela manhã fria de outono, sua apresentação foi acompanhada por cerca de 60 mil pessoas – estima-se

que 1,2 milhão de fiéis tenham participado da missa de canonização, celebrada um pouco mais tarde.

Os desencontros entre o padre Marcelo e o papa Bento XVI começaram duas semanas antes do evento. Inicialmente, foi aventado que o sacerdote carismático faria um show após a canonização de frei Galvão, o que ajudaria, no entender dos organizadores da celebração, a tornar mais lenta e ritmada a dispersão dos fiéis. No dia 23 de abril, um comunicado do administrador apostólico da Arquidiocese de São Paulo, dom Manuel Parrado Carral, feito no Palácio dos Bandeirantes, sede do governo paulista, causou polêmica: dizia que, por decisão do nuncio apostólico, dom Lorenzo Baldisseri, e do arcebispo de São Paulo, dom Odilo Pedro Scherer, o padre Marcelo não cantaria.

Padre Michelino Roberto, assessor de imprensa da Comissão da Visita do Papa, apressou-se em tentar conter a polêmica:

– Não houve veto, mas apenas razões técnicas. Constatamos uma dificuldade na montagem do palco necessário para tal apresentação.

Dois dias depois, em meio a uma repercussão negativa de tal “mudança de planos”, a mesma Comissão reviu a situação. Ficou decidido que o padre Marcelo participaria, mas não mais no fim do evento, como anteriormente previsto, e sim durante a vigília da madrugada, anterior à chegada do papa ao Campo de Marte.

– Sou um soldado da Igreja – limitou-se a dizer o padre, ao comentar a alteração.

Fato é que em nenhum momento padre Marcelo conseguiu ficar a menos de cinquenta metros de dis-

tância do papa durante os cinco dias em que ele esteve no Brasil, apesar de ter se programado, meses antes, para visitar o sumo sacerdote; apesar de ter tentado, ao menos duas vezes, encontrá-lo no Mosteiro de São Bento, no centro de São Paulo, onde o papa ficou hospedado e recebeu, em audiências particulares, diversas autoridades religiosas e políticas; apesar de ser ele o padre Marcelo, o mais famoso sacerdote católico brasileiro – um *pop star* da fé.